



Mainha

Daniel de Brito

Cresceu tomando banho de sabão de coco,
Esfregava bem as pernas, os braços e o rosto.
No meio de tantos irmãos e irmãs,
Era uma das mais pretinhas, do cabelo grosso.
Aprendeu que seria amada pela Mainha dela
Se fosse menos preta, menos queimada e menos favela.
Casou com um moço mais claro que ela,
Olhos verdes e pedreiro,
Um sonho de novela.
Como a redenção de Cam,
Ela buscou o embranquecimento,
Pena, como ela saberia, que seu filho não sairia

A cara do pai, mas sim a cara dela.
Aos 5 anos de idade, seu filho, sem entender,

Reproduziu o racismo:

– Mainha odeio o meu nariz, odeio parecer você!
Com seus olhos cheios de lágrimas,
Ela pôde responder:

– Meu filho não pense isso, você é lindo, por favor,

Tente esquecer.

Foram as palavras e o olhar dela que marcaram,
Entraram em mim como sementes, mas me rasgaram.

Senti um pouco de sua dor,



De uma vida de renegação, marginalização e falta de amor.
Queria poder dizer algo que lhe fosse bom, bonito e consolador,
Mas só pude sentir tudo o que esse sistema cruel nos deixou.

Entre outras lembranças,
Lembro de comer tomates como lanche
Enquanto ela negociava verduras em sua barraca,
E quando não vendia bem, e a vida parecia errada,

Ela agradecia a Deus e louvava.
– Obrigada senhor por tudo,
Seja só pão ou seja só água!
Dizia ela admirando o céu, mas acho, mesmo,
Que era ele que a admirava.

Com o passar do tempo, me enxia de orgulho parecer com ela,

Pense em uma mulher arretada!

Mesmo me empurrando a ir à igreja todo o domingo e

A usar saia,

Na limitação dela, na medida dela,
O abraço sempre me encaixava.
E hoje minha Mainha, eu sinto disso
É uma saudade danada!
Mesmo que sejamos diferentes,
E que seja difícil para você me entender,
Saiba que eu amo cada pedacinho do seu corpo,
Cada pedacinho da sua história,
Cada pedacinho de você.
Mainha...

(Recife, 27 de Maio de 2018)